

TOMÁS DE AQUINO: SABEDORIA E CARIDADE NA PROCURA DE DEUS¹

*Mauro Mantovani*²

Introdução

São Tomás de Aquino foi filósofo, teólogo, mas, sobretudo, santo, e nesse sentido, verdadeiro “mestre espiritual”,³ no qual o exercício da inteligência esteve profundamente unido ao desenvolvimento da vida religiosa e a prática teológica resultou numa via direta de santificação. Escreve a propósito J. P. Torrell:

“Não só o santo é inseparável do filósofo e do teólogo, mas [...] acompanha também o ‘mestre espiritual’. A reflexão crente na fé foi [para Tomás] um caminho de santidade e o que transparecia na sua obra.”⁴

Numa época em que tanto se fala da “elaboração de um novo projeto cultural orientado no sentido cristão”, ou de um “novo humanismo”, não almejamos dissertar aqui sobre suas vias, ou aspirar a uma análise exaustiva. Pretendemos, isso sim, chamar atenção para alguns aspectos que em nossa opinião são particularmente interessantes na sua figura, a partir da mensagem de algumas das imagens mais comuns com as quais o Aquinate tem sido representado: hábito dominicano e cingulo, com um lírio, um cálice, uma pomba, uma miniatura de igreja. Escreve A. Cattabiani:

Encontra-se muitas vezes em seus retratos, uma luz irradiada sobre o peito ou sob as costas: frequentemente os raios partem do livro da *Summa* aber-

-
- 1) Contributo já publicado na revista *Salesianum* LXIV (2002/3), p. 431-444, traduzido e adaptado pelo Editorial de *Lumen Veritatis* a pedido do autor.
 - 2) O autor é sacerdote salesiano, Decano de Filosofia na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, onde é docente extraordinário na cátedra de Filosofia do ser transcendente. É também conselheiro da Sociedade Internacional Tomás de Aquino (SITA).
 - 3) Cf. *Fides et ratio* n. 43-44, 78; S. PINCKAERS, *La vita spirituale del cristiano secondo San Paolo e San Tommaso d'Aquino*, Milano 1996.
 - 4) J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino. Maestro spirituale*, Roma 1998, p. 11.

ta sobre o peito. Mas a luz irradiada [...] não é o único atributo: também acompanha a pomba como símbolo do Espírito Santo, outras vezes um lírio a destacar a sua castidade, ou mesmo um cálice; e, enfim, uma figurinha de igreja como na tela dos santos dominicanos na sacristia de Santa Maria Novella em Florença.⁵

Tomás é representado muitas vezes com uma correia à cintura. No Museu de Berlim, por exemplo, encontra-se um quadro representando-o: o autor da escola de Bernardo Daddi imagina e compõe anjos atentos cingindo os rins do santo recolhido em oração, enquanto lhe comunicam que sua oração ao Senhor, em vista da *perpetuae virginitatis cingulum*, era acolhida.⁶ No afresco da Anunciação, na igreja de Santa Maria sopra Minerva, em Roma, o Aquinate é representado como presente na escuta do diálogo entre o Anjo e Maria. Um modo sugestivo para exprimir o quanto São Tomás havia penetrado o mistério da Encarnação: Cristo-Palavra e Cristo-Eucaristia.

1. Na Procura da Verdade: Deus-Trindade

A vida do Doutor Angélico foi um tanto movimentada: é notável como ele, no fim da juventude, teve de superar as lutas de uma vocação contrastada, que não era apenas um chamado à vida religiosa, mas também uma vocação ao estudo e à pobreza, um “*signum cui contradicetur*”. A opção pela Ordem Dominicana, apesar das obstinadas pressões familiares, revela que o Aquinate teve gradualmente, mas de forma inexorável, uma compreensão de que sua inclinação para o estudo seria melhor atendida na nova ordem e no desejo de uma vida de pobreza.⁷ Segundo Livi:

5) A. CATTABIANI, *Santi d'Italia. Vite, leggende, iconografia, feste, patronati, culto*, Milano, 1993. p. 895.

6) Cf. *ibidem*, p. 893 e, mais geral, C. M. J. VANSTENKISTE – M. C. CELLETTI, *Tommaso d'Aquino*, in *Bibliotheca Sanctorum* XII, Roma 1969, coll. 544-566, especialmente 563-566; P. AMARGIER, *Tommaso d'Aquino*, in A. VAUCHEZ (ed.), *Storia dei santi e della santità cristiana VI. L'epoca del rinnovamento evangelico 1054-1274*, Milano, 1991. p. 245-260.

7) “Entre tudo aquilo que Cristo fez ou assumiu durante a Sua vida mortal, a Sua cruz adorável se oferece a nós como o exemplo principal que devemos imitar [...]. Ora, entre tudo aquilo que esta ensina, é-lhe inerente uma pobreza absoluta (*omnimoda paupertas*); o Cristo ali esteve privado de todos os bens exteriores, até pelo despojamento das vestes [...]. É esta nudez da cruz que querem seguir aqueles que abraçam a pobreza voluntária, especialmente os que renunciam a todas as vantagens”. *Contra pestiferam doctrinam retrahentium hominem a religionis ingressu*, cap. 15. Cf. também J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, Casale Monferrato 1994, p. 31; A. GHISALBERTI, *Tommaso d'Aquino*, Cinisello Balsamo 1999, p. 8-9.

Tomás é grande porque soube fazer-se pequeno; a grandeza de seu ensinamento é proporcional à sua sinceridade, coerência e humildade no servir o verdadeiro. Renunciou a ele mesmo para dedicar toda sua energia a fazer deste serviço à verdade o mais alto serviço de caridade.⁸

A vida de São Tomás, consagrada à verdade, fundamentalmente pobre, tem um único ponto fixo: Deus-Trindade. Ele é o Tudo. A espiritualidade que não se esvai é teologal e trinitária, e neste sentido objetiva, porque fixada diretamente em Deus.

De acordo com Ghisalberti, merece particular atenção a mensagem teológica de S. Tomás a partir do tema da Trindade,

aspecto vertiginoso da revelação de Deus: o Novo Testamento dá a conhecer que, de fato, Deus é uno, mas não só; o absoluto não é estático, não é aséptico, mas a essência divina é inabitada por uma pluralidade de pessoas, sem que seja comprometida a unidade [...]. Ele se concentra sobre as características de cada pessoa divina que se possam extrair da análise das propriedades comuns aos entes criados, da qual parte a indagação filosófica. Trata-se de individuar as perfeições presentes nas criaturas (o ser, a unidade, a potência, a causalidade), e colher a sua fecundidade teológica no revelar as “apropriações” das perfeições a cada pessoa da Trindade, usando o procedimento da analogia e a via negativa, pela qual da essência divina se vai excluindo tudo aquilo que inclui imperfeição ou implica um modo exclusivamente finito do ser.⁹

No centro de sua teologia, Tomás coloca a Trindade, imediatamente posta em relação explícita com a doutrina da criação e da salvação. Essa leva a considerar a inabituação divina na criatura como vértice da aventura humana, a união com Deus, do qual a alma beneficia como de um objeto de amor livremente possuído:

O Amor infinito que procede do Pai e do Filho dá à alma fiel uma conaturalidade experimentada e provada com o divino (cf. *Summa Theologiae* I, q. 43, art. 5, ad 2), uma espécie de “instinto divino” que inunda a fé de uma

8) A. LIVI, *Tommaso d'Aquino. Il futuro del pensiero cristiano*, Milano 1997, p. 11.

9) A. GHISALBERTI, *Tommaso d'Aquino*, cit., pp. 14-15. Cf. G. EMERY, *Creatrix Trinitas. La Trinité créatrice dans les Commentaires aux Sentences de Thomas d'Aquin et de ses précurseurs Albert le Grand et Bonaventure*, Fribourg 1994. Escreve São Tomás: “Deus Pai produziu as criaturas por meio do Seu Verbo, que é o Filho; e por meio do Seu Amor, que é o Espírito Santo. Assim, as procedências das Pessoas são razão da produção das criaturas, tanto que elas incluem os atributos essenciais, tais como a ciência e a vontade”. *ST I*, q. 45, art. 6.

claritas e de uma alegria que se avizinham, o quanto é possível na terra, à clara visão e à felicidade perfeita do Paraíso.¹⁰

Também a palavra “experiência” não está longe do horizonte do Aquinate:

A experiência de uma coisa se faz mediante os sentidos [...]. Ora, Deus não está longe de nós, não está fora de nós, Ele está em nós [...]. E é por isso que a experiência da bondade divina é chamada “gosto” (*gustatio*) [...]. O efeito dessa experiência é duplo: o primeiro consiste na certeza da inteligência, o segundo na segurança da afetividade.¹¹

São Tomás fala expressamente de um duplo conhecimento da verdade:

Uma que se obtém pela graça, a outra que se obtém mediante a natureza. Aquela que se obtém pela graça desdobra-se também: uma que é especulativa, como quando alguém recebe o conhecimento dos segredos divinos por revelação; a outra que é afetiva e produz o amor de Deus, e esta é um dom do Espírito Santo (*donum sapientiae*).¹²

A sua teologia é sabedoria que se alimenta da contemplação, da vida mística, da experiência de Deus.

2. À procura da sabedoria no estudo de todos os “fragmentos da verdade”

São Tomás sente profundamente a urgente necessidade de “renovar a teologia com a assimilação do saber humano de seu tempo para colocá-lo a serviço da fé, procurando uma solução mais adequada ao problema da relação entre razão e fé, entre saber revelado e verdade da razão, entre teologia e ciência humana”.¹³ Para isso, segundo o Doutor Angélico, “a flor da vida espiritual” é a sabedoria, para a qual o Espírito Santo faz maturar a ciência humana.¹⁴ A sabedoria é um dom que invocamos “do alto”, dá alegria, e para São Tomás se identifica com o próprio Cristo.

No Prólogo de *Sent. I* ele afirma de fato que

10) M. LEMONNIER, *Tommaso d'Aquino testimone della sapienza*, in «Unità e Carismi» 8 (1998), 2, p. 15.

11) *Psalmos Davidis Expositio*, Ps. 33, n. 9.

12) *STI*, q. 64, art. 1.

13) A. LIVI, *Tommaso d'Aquino. Il futuro del pensiero cristiano*, cit., p. 81.

14) Sobre este tema, cf. *FR* n. 44.

entre os muitos pareceres pronunciados por diversos autores acerca da sabedoria, ou seja, relativamente à questão sobre que coisa seja a verdadeira sabedoria, uma indicação singularmente sólida foi oferecida pelo Apóstolo Paulo (1 Cor 1, 24; 30), o qual afirma que Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus, e sempre por obra de Deus se torna para nós sabedoria.¹⁵

Já na lição inaugural que teve em Paris entre 3 de março e 17 de junho de 1256, Tomás assim se exprime:

Certamente ninguém pode pretender possuir por si mesmo e por próprio mérito as atitudes suficientes para exercitar um tal ministério; embora isto se possa esperar de Deus: não porque sejamos capazes de pensar em algo proveniente como de nós mesmos, porque a nossa capacidade vem de Deus (2 Cor 3, 5). Mas para obtê-la de Deus é necessário pedir: se a algum de vós falta sabedoria, pedi-a a Deus que a todos dá generosamente e sem recriminações, e lhe será dada (Tg 1, 5). Rezemos a Cristo que quer concedê-la. Amém.¹⁶

A dedicação à vida universitária é indubitavelmente elemento característico da figura de São Tomás. Ele se despende pela formação, ainda que incompreendida, e pelo “investimento na cultura”.¹⁷ Não teve receio de se corrigir: “E se bem que outrora eu tenha escrito de modo diverso, todavia se deve dizer aqui [...]”.¹⁸ “Tomás [...] é contrário a toda a confusão, superficialidade, unilateralismo, subjetivismo e sentimentalismo: as suas características são o rigor lógico, a objetividade crítico-constructiva, a clareza argumentativa e a evidência das conclusões nas quais a mente repousa, para reconduzir tudo

15) Cf. J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, cit., p. 70.

16) *Ibidem*.

17) “Tomás aparece de repente aos contemporâneos como um filósofo e teólogo muito inovador; Guglielmo di Tocco, um dos primeiros biógrafos, fala do Aquinate como de alguém que descobriu um modo “novo e claro” de ensinar, sustentado por uma ‘nova argumentação’ e por uma ‘novidade’ nos conteúdos que propunha, de tal modo aparecia como que dotado por Deus de ‘raios de uma nova luz’”. A. GHISALBERTI, *Tommaso d'Aquino*, cit., p. 9.

18) Cf., por exemplo, J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, cit., p. 86. Sobre o seu ensinamento: “Sóbrio no estilo da procura e da exposição, junta-se um grau eminente de clareza lógica, de perspicácia expositiva, porque quer considerar a poliedricidade do verdadeiro por todos os lados e ao mesmo tempo estar junto de quem quisesse segui-lo na via trabalhosa da sua procura: o espírito científico e a caridade de quem investiga não somente para si próprio, desde que em união, sem atrapalhar ou perturbar algo”. N. PETRUZZELLIS, *Tommaso d'Aquino e le istanze del pensiero moderno*, in ID., *Ricerca filosofica e pensiero teologico*, Città del Vaticano 1982, p. 69.

à verdade suprema de Deus.”¹⁹ Não foi por acaso que Rosmini se referia a ele quando falava de “caridade intelectual” como ideal cristão.

3. *Palavra e Eucaristia: fontes de verdade e de amor*

São Tomás reconhece à Palavra de Deus um papel incomensurável e determinante em relação à teologia e à pregação. É exemplo o cap. 48 da *Expositio in Isaiam Prophetam*, na qual diz, como notava Torrel, que a Palavra de Deus é essencialmente uma luz para a inteligência, que toca também a esfera da sensibilidade:

Torna-se a própria vantagem: meditar a Palavra de Deus é uma alegria, além de inflamar o coração. A afetividade teologal — a caridade que sobrenaturaliza a nossa capacidade de amar — é necessária na teologia. [...] Quanto ao “instruir os outros”, aqui se pode ver, sem risco de errar, como selo do jovem frade predicante. A ruminação da Palavra não tem seu fim em si mesma. Esta palavra foi destinada por Deus ao Seu povo; a reflexão teológica como a meditação em vista da pregação não são senão as etapas preliminares. [...] Este enaltecimento da Palavra de Deus não é raro em Tomás.²⁰

Os verbos fundamentais propostos por São Tomás para uma aproximação à Palavra de Deus são cinco: escutar, crer, meditar, comunicar, realizar. Segundo o Aquinate,

a escuta atenta da Palavra de Deus (*diligens verbi divini auditio*) é um meio privilegiado para adquirir o amor de Deus, porque o número de benefícios que Deus concede é eminentemente adequado para despertar em nós este amor. O exemplo dos discípulos de Emaús o confirma: seu coração estava ardendo de amor quando Jesus, caminhando, lhes explicava as Escrituras. Mas é também o meio mais seguro para permanecer fiel a este amor.²¹

Também a iconografia recebeu e exprimiu o estreito liame do Aquinate com a Escritura. Assim, Amargier comenta a imagem do *Trionfo di san Tom-*

19) A. LIVI, *Tommaso d'Aquino. Il futuro del pensiero cristiano*, cit., p. 78.

20) J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, cit., p. 49. Cf. *Expositio in Isaiam Prophetam*, cap. 48.

21) Cf. *Expositio in duo praecepta caritatis et in decem legis praecepta* IV. Guglielmo di Tocco refere que São Tomás sentiu em si um grande assombro quando alguns, especialmente religiosos, falavam [na pregação] de outras coisas mais do que de Deus e daquilo que concerne à edificação da alma”. Cf. J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, cit., p. 50.

maso, pintada em Pisa por um anônimo *senese* do século XIV, na Igreja de Santa Catarina:

O *Trionfo di san Tommaso* é imagem profundamente conceptual, teórica e ideológica, que responde ao mais elaborado programa dominicano. Acuradamente construída em torno da figura de Tomás, culmina com a representação do Senhor, que fala pelas Tábuas da Lei, dos escritos de São Paulo e dos textos dos evangelistas; uma plena tradição escritural anima, assim, a obra de Tomás, aquele a quem o Senhor, certo dia, disse: ‘Escreveste bem acerca de mim’.²²

O amor de São Tomás a Cristo-Eucaristia tem de certa forma um sinal eloquente, em relação aos outros, de acordo com os hinos eucarísticos que ele compôs: o *Officium de festo Corporis Christi ad mandatum Urbani Papae* e o hino *Adoro Te*, reconhecidos hoje como autênticos, são patrimônio de toda a tradição cristã.²³ Tomás manifesta um apaixonado amor por Cristo, Verbo encarnado e mediador: Ele não é apenas modelo universal de santidade, mas também, e sobretudo, aquele que precede os homens no itinerário para Deus. Com a sua Encarnação, o Verbo, “Arte do Pai” e Sua Imagem perfeita, quis tornar-se um de nós: em Jesus temos contemporaneamente o “caminho” e o “modelo”. Foram, de fato, todos chamados a imitar Cristo, a fim de chegar ao Pai.

Assim se conclui o comentário de São Tomás ao Evangelho de João:

As palavras e os gestos de Cristo são também as palavras e os gestos de Deus. Se alguém quisesse descrevê-los ou contá-los detalhadamente, não conseguiria. Muito mais! O mundo inteiro não seria suficiente. Uma infinidade de palavras humanas não pode abranger o Verbo de Deus. Desde o início da Igreja que se escreve sobre Cristo, mas ainda não se escreveu o suficiente. Mesmo se o mundo durasse centenas de milhares de anos, os livros que se poderiam escrever não chegariam a aclarar na perfeição os Seus gestos e as Suas palavras.²⁴

22) P. AMARGIER, *Tommaso d'Aquino*, cit., p. 245.

23) É digna de nota a expressão de Tomás ao ato de receber o viático: “Eu te recebo, preço da redenção da minha alma, Te recebo viático da minha peregrinação, por amor do qual estudei, vigiei, trabalhei, preguei ensinei, jamais disse algo contra ti, e se o fiz foi por ignorância, não me obstino no meu erro; e se ensinei algo de errado, tudo confio à correção da Igreja Romana”.

24) *Lectura super Ioannem*, cap. 21, lect. 6.

Cristo é modelo absoluto da vida cristã, pois toda a ação de Cristo constitui um ensinamento. Isto representa uma regra de vida para o próprio São Tomás, com o ponto culminante reconhecido sobre a cruz, lugar da máxima revelação do amor de Deus:

Quem deseja atingir uma vida perfeita não deve fazer nada mais que desprezar aquilo que Cristo desprezou na cruz e desejar aquilo que Ele desejou. Não existe, com efeito, um só exemplo de virtude que Ele não dê. [...] Caminha diante d'Ele que é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, no qual se tomam todos os tesouros da sabedoria e que, todavia, sobre a cruz aparece despojado das vestes, objeto de sarcasmos, insultado, golpeado, coroado de espinhos, dessedentado com vinagre e fel, levado à morte.²⁵

4. A perfeição está na caridade

É próprio da cruz mostrar, segundo São Tomás, que a vida humana pode realizar-se e chegar ao seu cumprimento apenas por meio do amor: “Uma mudança progressiva, uma cristianização de todo o ser reconduzido à sua reta orientação, ao confrontar-se com Deus”.²⁶ A concessão do amor-desejo proposta pelo Doutor Angélico (como superação do amor meramente egoístico, e como sentimento que empurra todo o ser para Deus) que oferece a ideia de amor como *caritas*: “Olhar o amado por ele mesmo de modo desinteressado”. Para São Tomás, “o amor a Deus [...] é a verdade de todo o outro amor. Em Deus está o verdadeiro bem de toda criatura, porque n'Ele encontra-se o exemplo perfeito para todos e porque Seu amor criador que dá o ser quer doar-se até o pleno cumprimento”.²⁷

Para o Aquinate, sustenta Schoepflin:

O amor do homem por Deus, longe de comprometer a liberdade e a plena realização do ser humano, constitui a via necessária para atingir a meta. O teocentrismo se revela na realidade como a mais autêntica forma de antropocentrismo, e o homem compreende que não pode colocar Deus de la-

25) *Expositio in Symbolum Apostolorum*, art. 4.

26) J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino. Maestro spirituale*, cit., p. 422.

27) U. GALEAZZI, *L'etica filosofica in Tommaso d'Aquino*, Roma 1989, p. 93. Cf. G. ABBÀ, *Lex et virtus. Studi sull'evoluzione della dottrina morale di san Tommaso d'Aquino*, Roma 1983; ID., *Felicità, vita buona e virtù*, Roma 1995.

do sem trair a sua mais íntima índole que está naturalmente orientada para Deus.²⁸

Desta forma, o amor, para São Tomás, realiza a mais fecunda relação entre as criaturas e, destas, com o criador, até porque tem *capacidade unitiva e transformante*: “Pelo fato de as coisas criadas adquirirem a bondade divina, tornam-se semelhantes a Deus como ao seu fim último, a fim de alcançar sua bondade; segue-se então que o fim último das coisas é a semelhança com Deus”.²⁹

O amor tem como efeito próprio a união: isso tende à união real e é já em si mesmo a união afetiva com a coisa amada. A união real que é pedida pelo amor não é uma união substancial [...]. ‘O amor não é uma união substancial das coisas, mas dos afetos. Por isso não é incorreto considerar que aquilo que é menos unido de fato, seja mais fortemente unido pelo afeto. Enquanto pelo contrário, embora muitas coisas nos sejam na realidade próximas, desagradam e discordam profundamente com nossos afetos. Mas, por si, o amor induz à união com as coisas amadas, no limite do possível, e assim o amor o amor a Deus faz com que o homem viva a vida de Deus, e não a própria, tanto quanto possível [...]’. São Tomás não pára de repetir que o efeito próprio do amor é a união, uma união que permanece no plano afetivo, todavia, é uma união íntima, profunda, uma união que molda e transforma. É uma *virtus unitiva*, um *nexus*, graças à qual ‘o amante se transforma no amado e de certo modo converte-se nele’.³⁰

São Tomás escreve no *Quodlibet III* (Páscoa 1270), que a perfeição espiritual está na caridade:

Quem não a possui é uma nulidade espiritualmente. [...] Ora, o amor tem uma força transformante mediante a qual o amante é de algum modo transferido no amado. Isto é o que explica Dionísio (*De divinis nominibus* 4): ‘O amor divino provoca uma saída de si (*extasim*); não abandona o amante a ele mesmo, mas (lhe oferece) o amado.’ Por outro lado, porque a totalidade e perfeição se identificam (cf. Aristóteles, *Física* III 207a 13-14), terá a caridade perfeita aquele que, por meio do amor, seja inteiramente transformado em Deus, sacrificando todas as coisas e a si mesmo por Deus [...]. Quem tem a alma assim interiormente enamorada, a ponto de desprezar a própria

28) M. SCHOEPFLIN, *Via amoris*, Cinisello Balsamo 1998, p. 75. Cf. *ST I*, q. 60, art. 3.

29) *SCG III*, cap. 19.

30) B. MONDIN, *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso d’Aquino*, Bologna 1992, p. 32.

causa de Deus, e tudo aquilo que possuí, segundo o que afirma o Apóstolo (Fl 3, 7: ‘Todas estas vantagens [...] considero como prejuízo, por causa de Cristo’), o que é perfeito, quer se trate de um religioso ou de um secular, clérigo ou leigo, ou mesmo casado. Abraão, por exemplo, era casado e rico, e todavia é para ele que o Senhor se volta (Gn 17, 7): ‘Caminha diante de mim e sê perfeito’.³¹

Desta forma, o ápice de seu discurso é que a perfeição da caridade não é algo facultativo, mas é determinante para a vida humana, como se evidencia pela análise do comentário do Aquinate ao Capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios.

A espiritualidade do Doutor Angélico expõe à luz a *deificatio* ou *deiformitas* pela qual o homem é chamado em Cristo: “O Filho de Deus fez-se homem para tornar os homens deuses e filhos de Deus”. Este dom, evidentemente, só pode ser ofertado pelo próprio Deus:

O dom da graça ultrapassa a capacidade de toda a criatura, dado que não é outra coisa que certa participação na natureza divina que transcende toda a criatura. Por isso, é impossível que qualquer criatura possa causar a graça. É então necessário que apenas Deus deifique, partilhando conosco a natureza divina sob a forma de certa participação por meio de assimilação.³²

Esta assimilação é obra do Espírito Santo. Escreve a propósito Torrel:

O primeiro efeito da presença em nós do dom de Deus que é a caridade consiste na presença do próprio Doador, o Espírito Santo, e, com ele, toda a Trindade que vem habitar na alma do justo. Em toda a parte que se interroga a doutrina da graça ou do Espírito Santo, é surpreendente ver como em Tomás chegamos depressa à verdade, simultaneamente elementar e sublime — que os místicos de todos os tempos colocaram no topo de sua experiência — do dom de Deus que é a caridade.³³

São Tomás sublinha também a verdade complementar:

É claro que Deus ama, sobretudo, aqueles que Ele constituiu Seus amigos por meio do Espírito Santo, pois apenas um grande amor assim poderia conferir tal bem [...]. Ora, dado que todo ser amado habita naquele que o

31) *Quodlibet* III, q. 6, art. 17.

32) *STI-IIae*, q. 112, art. 1.

33) J. P. TORRELL, *Tommaso d’Aquino. Maestro spirituale*, cit., pp. 189-190.

ama, é, em consequência, necessário que por obra do Espírito Santo não só Deus habite em nós, mas que também nós habitemos em Deus. Donde a palavra de São João (1 Jo 4, 16), ‘quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele’ e ‘por isso sabemos que estamos n’Ele e que Ele está em nós, porque o fez partícipe de Seu Espírito’.³⁴

Desta forma, observamos que o cálice e a pomba representados com o Aquinate, conforme referido no início deste artigo, não são representações casuais.

5. A verdade de um “nós-Igreja”

A procura de Deus conduzida pelo Aquinate conduz a uma espiritualidade de comunhão, porque o homem, que é um ser social, segundo São Tomás chega a uma perfeita realização da sua vida relacional no seio de uma comunidade, Igreja ou sociedade civil. Há uma coligação direta entre pneumatologia e eclesiologia: “É na ‘definição’ do Espírito Santo como Amor e no Seu específico lugar no seio da comunhão trinitária que se toma a explicação do papel que abrange em toda a criação, e no retorno desta ‘como Igreja’ para a Fonte divina da qual fluiu”.³⁵ O Espírito Santo, que é o vínculo do Amor, o “*nexus* (liame) do Pai e do Filho enquanto Amor” (ST I, q. 37, art. 1, ad 3), desempenha na Igreja

um papel de unificação no amor que reenvia ao que exerce em meio à Trindade; assim Ele transforma a reunião dos batizados em uma comunhão de amor e imagem de sua fonte trinitária [...]. Na comunhão eclesial [...] o Espírito Santo é o próprio princípio (causa exemplar e eficiente) do amor-caridade que anima o Corpo de Cristo e o agrega em unidade.³⁶

A doutrina eclesial de Tomás é uma teologia do Corpo de Cristo: “‘Todos somos membros uns dos outros’ (Rm 12, 5). Por isso, entre os artigos da fé

34) SCG IV, cap. 21.

35) J. P. TORRELL, *Tommaso d’Aquino. Maestro spirituale*, cit., p. 201. Deus que ama em primeiro, se dá também, segundo Tomás, ao que o ama: “A graça é dada, sobretudo, por isto: coloca a criatura à altura de seu fim sobrenatural, torna uma criatura sobrenaturalizada que poderá ser princípio de ação neste novo campo. A esta natureza então ‘divinizada’ Deus concede também o dom da caridade e das outras virtudes teológicas que permitem ao homem, mediante a sua inteligência e a sua vontade tão sobrenaturalizadas, agir efetivamente nesta ordem à qual lhe seria impossível aceder sem este dom primordial”. *Ibidem*, p. 2007.

36) *Ibidem*, p. 216.

que os Apóstolos transmitiram, encontra-se a comunhão de bens (*communio bonorum*) na Igreja; Se trata da assim dita comunhão dos santos (*communio sanctorum*).³⁷ Pode-se evidenciar um duplo sentido desta *communio sanctorum*: o primeiro é evidentemente a comunicação do “bem de Cristo-Cabeça” que reúne todos os membros por meio dos Sacramentos; um segundo, derivado, é o fato que, recorda o Aquinate, “o bem a que chegaram todos os santos vem-lhes comunicado àqueles que vivem na caridade, pois todos são um: ‘Estou associado a todos aqueles que te temem’ (Sl 118, 63). Deste modo, aquele que vive na caridade se torna partícipe de todo o bem que se faz pelo mundo”.³⁸

Um texto altamente expressivo da *koinonia* eclesial, de acordo com o Aquinate, encontra-se quando ele fala da eficácia da oração para outro, e escreve que aquele que vem por primeiro é a unidade na caridade, enquanto todos aqueles que vivem na caridade formam como que um único corpo. Desta forma, o bem de um reflete-se sobre todos, tal como a mão ou qualquer outro membro está ao serviço do corpo inteiro. É assim que todo o bem feito por um vale para qualquer outro que viva na caridade.³⁹ A Caridade infinita, que é o Espírito Santo, coloca então todos os crentes em comunicação com o mundo de outras pessoas nas quais está presente, de tal modo que o único idêntico Amor incriado preenche a Igreja e não faz “uma coisa só”, mas um “Corpo” no qual realiza uma habitação recíproca de todos aqueles que estão na graça, uma *mutua circuminsessione*.

Emerge então em Tomás uma consideração eclesiológica e mais geralmente antropológica concentrada no “nós”: ele considera sempre a pessoa humana como “um ser empenhado na comunidade dos salvos, indiferentemente chamada *ecclesia* ou *populus*, comunidades de fiéis de Cristo (*congregatio fidelium*), comunhão dos santos (*societas sanctorum*) ou Corpo místico de

37) *Expositio in Symbolum Apostolorum*, art. 10. Cf., su questo tema, Y. CONGAR, *Thomas d'Aquin. Sa vision de la Théologie et de l'Église*, London 1984.

38) *Expositio in Symbolum Apostolorum*, art. 10.

39) Cf. J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino. Maestro spirituale*, cit., p. 225. Comenta também o autor: “Se o Espírito de amor habita em nós, e se nós habitamos no Espírito, agora todos aqueles no qual habita o Espírito e que permanecem no Espírito habitam também eles em nós e nós neles. É o fim ao qual temos de chegar para nos dar conta do mistério da comunhão dos santos. A nossa caridade não se limita, portanto, aos nossos irmãos, essa é a deles, e a deles é também a nossa. Comunicam-se reciprocamente os recursos e a fecundidade que provêm do Espírito, de tal modo que a caridade do mais débil é elevada por aquela do mais forte, e aquela de ambos está assente na caridade sem roturas da Igreja inteira, visto que é aquela do Amor incriado, indivisível e onipresente, que todos possuem em comum”. *Ibidem*.

Cristo, sem jamais deslocá-lo, por certo, da grande família humana do qual é membro por nascimento”.⁴⁰

O Doutor Angélico, no interior na comunidade eclesial, empenhou-se constantemente em múltiplos setores: de verdadeiro teólogo procurou estender nas formas mais adequadas, respectivamente aos interlocutores, a compreensão da fé, cultivando um empenho catequístico-divulgativo, mesmo com prestações e consultas individuais.⁴¹ Ele não se subtrai mais à possibilidade de desenvolver a obra da catequese a vários níveis, que lhe era permitida por solicitações de diversos gêneros. Tomás foi um teólogo muito requisitado, empenhadíssimo. Rende o seu precioso serviço à Igreja, através de uma obra que, de diversos modos, “faz tudo a todos”.

Conclusão

No processo de canonização de São Tomás as quarenta e duas testemunhas

tiveram bem pouco a comunicar sobre as penitências e seus fatos extraordinários; puderam, porém, repetir que Tomás tinha sido um homem leal, humilde, simples, pacífico, dedicado à contemplação, caritativo, e amante da pobreza. Ele mesmo tinha sempre dito que a perfeição da vida se tomava primariamente na retidão interior, e só depois nos atos externos da ascese.⁴²

Foi unânime a confirmação que “Tomás foi um homem de contemplação e de oração”.⁴³ Ele viveu em tempos difíceis, em uma universidade turbulenta, teve problemas de relacionamento, conflitos de competência, riscos de censura, problemas pessoais de saúde, uma enorme quantidade de trabalho, não conseguiu levar ao fim todas as prestações a ele confiadas, teve incompreensões... enfim, por meio de tudo isto, é santo. “Teve” Deus. Um modelo também para hoje, a vários níveis. Ele é um homem na história de seu tempo, que

40) *Ibidem*, p. 314.

41) Como trouxe à luz L. E. Boyle foi muito forte a intenção catequética dos teólogos posteriores ao Lateranense IV, e isto se torna particularmente evidente no Aquinate. Cf. L. E. BOYLE, *Pastoral care, clerical education and canon law, 1200-1400*, London 1981. Cf. anche J. P. TORRELL, *La pratique pastorale d'un théologien du XIII^e siècle. Thomas d'Aquin prédicateur*. In: «Revue Thomiste» 82 (1982), p. 218-219.

42) A. LIVI, *Tommaso d'Aquino. Il futuro del pensiero cristiano*, cit., p. 182. Cf. ST II-IIae, q. 184, art. 1.

43) J. P. TORRELL, *Tommaso d'Aquino, l'uomo e il teologo*, cit., p. 318. Acerca do culto, do processo e as disputas e definitiva canonização, cf. *ibidem.*, pp. 331-363.

vive uma procura assídua e um grande empenho pastoral, o qual ainda agora produz seus frutos.

Ele foi um pesquisador do Deus-Verdade:

Um pensador essencial, profundo, integral. É um pensador cristão que quer falar de Deus. Com este fim ele logo se pôs à escuta da palavra revelada e da palavra da Igreja; pois fez o esforço de entender, com a própria inteligência, a natureza e a cultura, porque também nesse Deus se manifesta. Ele teve uma *visão da totalidade*, do profundo, do núcleo da realidade divina e humana.⁴⁴

O Aquinate se entrega a uma tarefa e a um desafio. O empenho é recolher este testemunho; o desafio é de “vivê-la junto”, “*in dulcedinem societatis, quaerere veritatem*”, fazendo tesouro também dos exemplos de tal forma luminosos dos que nos precederam. A perícopes evangélica escolhida para a missa de São Tomás de Aquino (Mt 5, 13-19) fala de uma chamada a ser “sal da terra” e “luz do mundo”. Escreveu São Tomás: “Como a lucerna não pode resplandecer se primeiro não arde e não se inflama do fogo da caridade. E portanto do arder procede a iluminação, porque, mediante o fogo da caridade, vem comunicado o conhecimento da verdade”.⁴⁵

O próprio São Tomás escreve que: “*Sicut enim maius est illuminare quam lucere solum, ita maius est contemplata aliis tradere quam solum contemplari*”.⁴⁶

É este um testemunho que adentra na sua convicção ética de fundo:

Não se pode contemplar sem procurar fazer partícipes os outros, se não se ama a verdade e não se a procura. Nem todos podem, porém, ir sozinhos muito avante no conhecimento da verdade. Para isso, é necessária uma circulação de conhecimento e experiência, uma comunhão de espírito do qual precisamente o *contemplata aliis tradere* é expressão. Se trata de *trade-*

44) A. LOBATO, *Per riscoprire San Tommaso*, in «Divus Thomas» 95 (1992), 1, p. 207. (Itálico meu). “Tomás foi um dos grandes pesquisadores da verdade, [...que] procurava em primeiro lugar de joelhos, na longa e intensa oração, numa comunhão com Deus, que o fez, antes de doutor, grandíssimo santo. [...] Ele] permanece um grande doutor da Igreja, um mestre a seguir, mas também um santo a imitar na sua paixão pela verdade, na intensa vida interior, no conjugar constantemente em comum a procura e a oração, sabedoria e humildade”. C. F. RUPPI, *Maestro di pensiero e modello di teologia*. In: «L'Osservatore Romano» 139 (28 gennaio 1999), p. 9.

45) *In Evangelium Ioannis expositio* V. Cf. Y. CONGAR, «*In dulcedine societatis quaerere veritatem*». *Note sur le travail en équipe chez S. Albert et chez les Prêcheurs au XIII^e siècle*, in G. MEYER – A. ZIMMERMANN (edd.), *Albertus Magnus - Doctor Universalis 1280 - 1980*, Mainz 1980, p. 47-57.

46) *ST II-IIae*, q. 188, a. 6.

re aquilo que vem contemplado e, naturalmente, vez a vez, recebê-lo. Está aqui também a raiz do empenho de divulgar o saber adquirido.⁴⁷

Uma tarefa de verdade na reciprocidade do amor “forma-se na escola de Teu Evangelho, porque no exemplo de São Tomás de Aquino conhecemos a Tua verdade e a testemunhamos na caridade fraterna” (Colletta della Messa del 28 gennaio. Tradução nossa).

47) A. BAUSOLA, *Perennità e attualità di S. Tommaso*, cit., p. 203.